



Deslocamento e pertencimento: o lugar de passagem em Rio Doce / CDU

Displacement and belonging: the place of passage in Rio Doce / CDU

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da¹

¹ Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. mhcosta.ufrn@gmail.com
ORCID ID: 0000-0002-3604-1483

Recebido em 12/01/2020 Aceito em 29/01/2020

Resumo

Esse trabalho trata da representação fílmica de pertencimento do sujeito no espaço nas imagens construídas pelo cinema pernambucano contemporâneo com o objetivo de discutir sobre a noção de lugar de passagem e as implicações subjetivas relacionadas à identidade do sujeito em sua relação com determinado espaço urbano. O lugar de passagem aqui é o construído no filme/documentário pernambucano *Rio Doce/CDU* (2013)¹, roteirizado e dirigido por Adelina Pontual. Parte-se da análise das imagens em movimento do e no espaço urbano de duas cidades pernambucanas: Olinda e Recife, consideradas no âmbito de uma representação através da qual os espaços filmado e projetado (no sentido cinematográfico e geográfico) estão envolvidos em uma moldura cultural de percepção do espaço vivido e imaginado que possibilita novos entendimentos sobre identidade e pertencimento ao lugar. Consideramos o entrecruzamento das imagens urbanas no filme, por meio da análise crítica do discurso a partir de uma “espacialidade do lugar”, que evidentemente é construída culturalmente, e estabelecemos parâmetros de entendimento da relação posta entre as imagens em movimento do espaço urbano, a experiência humana de deslocamento no espaço, e a imaginação geográfica constituída a partir da representação da experiência espacial e da identidade do lugar.

Palavras-Chave: Lugar de passagem, Espaço Urbano, Deslocamento, Pertencimento

Abstract

This paper deals with the film representation of belonging in space within the images built by Pernambuco's contemporary cinema to discuss about the notion of place of passage and the subjective implications related to the subject's identity in its relation to a certain urban space. The place of passage is the one built in Pernambuco's documentary film Rio Doce/CDU (2013), written and directed by Adelina Pontual. From the analysis of the moving images of and through urban space of two cities: Olinda and Recife, it will be considered that the filmed and projected spaces (in their cinematic and geographic senses) are wrapped in a cultural frame of the perception of lived and imagined space which enables new understandings about the notions of identity and belonging to a place. Here we consider the links between the urban images in the film, by the speech analysis, from the spatiality of place that is evidently culturally built, to establish a paradigm of understanding of the relationship between the moving images of urban space, the human experience in space, and the geographic imagination that constitutes itself from the representation of spatial experience and the identity of place.

Key-Words: Place of passage, Urban Space, Displacement, Belonging

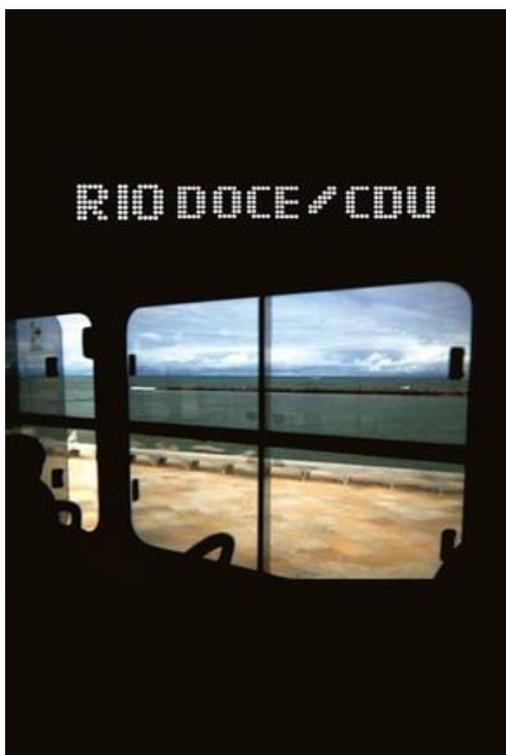
¹ Acesso ao filme completo: <https://www.youtube.com/watch?v=nDCBJwo8kl0&t=665s>

1. Introdução

Compartilho da opinião de Mortimer (2017) sobre algumas propostas artísticas de natureza fotográfica quando diz que estas “tematizam o ambiente construído como manifestações de um lugar de sensibilidade sobre os modos de uma sociedade se relacionar como o espaço” (MORTIMER, 2017, P.107). Assim, filme serve ao estudo da representação das práticas humanas no espaço e sobre a relação entre o espaço, o lugar e a identidade dos sujeitos. Uma vez que os cineastas editam diferentes cenas/tomadas de uma cidade e de sua arquitetura, filme se configura como uma proposição de reorientação e reorganização do espaço (urbano), produzindo, conseqüentemente, a demolição e a reconstrução da imagem do lugar objeto da construção imagética (PASSOS e KASTRUP, 2009). Identificar essas “reacomodações” e explorar seus desdobramentos imagéticos, pode nos ajudar a compreender melhor a produção do espaço que habitamos e o cruzamento de experiências do olhar sensíveis aos sujeitos, e a avaliar a pertinência da construção de um imaginário fílmico da cidade contemporânea em contrapartida a uma investigação que avalie a herança moderna na cidade.

Nesse sentido, esse trabalho propõe uma reflexão sobre a representação fílmica de pertencimento do sujeito no espaço e as implicações subjetivas relacionadas à identidade do sujeito em sua relação com o espaço urbano, mais particularmente nas imagens construídas pelo cinema pernambucano contemporâneo. Discutiremos aqui sobre o lugar de passagem construído no filme/documentário pernambucano *Rio Doce/CDU* (2013), roteirizado e dirigido por Adelina Pontual.

Figura1: Abertura do filme.



Fonte: Rio Doce/CDU, 2013.

Parte-se, nesse caso, da análise das imagens em movimento do e no espaço urbano de duas cidades pernambucanas: Olinda e Recife, aqui consideradas no âmbito de uma representação através da qual o espaço filmado e projetado (no sentido cinemático e geográfico) está envolto em uma moldura

cultural de percepção do espaço vivido e imaginado que possibilita novos entendimentos sobre a noção de identidade e de pertencimento ao lugar.

Considerar o entrecruzamento das imagens dessas duas cidades no filme, por meio da análise crítica do discurso a partir de uma espacialidade do lugar, que evidentemente é construída culturalmente, nos parece primordial para estabelecer parâmetros de entendimento da relação posta entre as imagens em movimento do espaço urbano, a experiência humana de deslocamento no espaço, e a imaginação geográfica constituída a partir da representação da experiência espacial e da identidade do lugar que sabemos é relacionada às cidades que conhecemos em ambas existências: real e fílmica.

2. Rio Doce / CDU como Identidade e Lugar

As imagens das cidades de Olinda e Recife em Rio Doce/CDU se constroem a partir do seu referente na realidade. Os espaços urbanos apresentados no filme resultam, portanto, de um olhar sobre o espaço/lugar e de uma ideia, um posicionamento específico sobre o, e as relações dos sujeitos no, espaço. Há, nesse caso, um visível movimento em direção ao referente valendo-se da ideia de fidelidade que se construiu historicamente no que se refere ao surgimento da fotografia e conseqüentemente do cinema, e que implica na inseparabilidade da imagem do seu referente. Contudo, faz-se necessário esclarecer que para efeito desse trabalho, atribuímos à imagem fílmica “uma capacidade construtiva da realidade ao invés de uma função de imitação ou de cópia da realidade” (MORTIMER, 2017, p.123).

Assim, a análise proposta aqui se dá a partir do entendimento de que filme, resultante de operações técnicas e artísticas que se constroem e se expressam imagetivamente por meio da impressão visual de movimento dos sujeitos e objetos que se colocam e movimentam em determinado espaço geográfico, ajuda na compreensão deste mesmo espaço. Pensar as imagens fílmicas como partes dos constructos representacionais que se articulam, para dar conta de um espaço geográfico específico, serve como instrumentos para a estruturação de uma geografia que surge da forma cinemática (COSTA, 2011).

Figura 2: *Rio Doce/CDU* apresenta uma viagem de ônibus através das cidades de Olinda e Recife seguindo a trajetória da Linha 920 – Rio Doce/CDU.



Fonte: Rio Doce/CDU, 2013.

Em seu trajeto, o ônibus sai do Terminal de Integração de Rio Doce (4º Etapa / Km 0) em Olinda, atravessa vários bairros de Olinda e periferia do Recife – Pau Amarelo, Mamanguape; Encruzilhada; Campo Grande; Engenho do Meio; Cidade Universitária – percorrendo longas avenidas como a Av. Agamenon Magalhães e a Av. Caxangá. Adelina Pontual classificou seu filme como um “exercício voyeurístico” que intenciona captar a atmosfera suburbana dessas duas cidades. E é exatamente essa atmosfera suburbana que a cineasta coloca no centro desse “exercício” no qual traça e revela imagens da paisagem urbana das duas cidades onde uma diversidade de tipos humanos que habitam, trabalham e se deslocam como usuários da Linha 920 aparecem como protagonistas.

Figura 3: Imagem do filme



Fonte: Rio Doce/CDU, 2013.

O “exercício voyeurístico” executado por Pontual se materializa através das imagens originadas enquanto imagens de percurso captadas durante o deslocamento do ônibus pelas ruas da cidade. Em um movimento geográfico-fílmico, que se constrói pelos diversos bairros das cidades de Olinda e Recife revelando a paisagem urbana em sua diversidade imagética e (sub)urbana, *Rio Doce/CDU* concebe a paisagem urbana como um lugar de passagem no qual a noção de pertencimento se organiza sucessivamente. No início do filme, por exemplo, ouvimos em *off* que a experiência de andar no ônibus da Linha 920 se assemelha a um “percurso turístico”. “Quem quer conhecer a cidade, pegue ele”. O espaço da cidade, nesse caso, mostra-se em sua totalidade numa experiência de passagem e movimento proporcionada pela Linha Rio Doce/CDU.

O filme intercala imagens captadas de fora e de dentro do ônibus durante sua trajetória de 36 Km pelos bairros de Olinda e Recife e depoimentos de usuários anônimos da Linha Rio Doce/CDU ou daqueles que moram e/ou trabalham no comércio das ruas por onde os ônibus da Linha 920 passam: Olinda – Conjunto Habitacional 3º Etapa de Rio Doce (Km 1), Feira de Rio Doce (1º Etapa / Km 2), Casa Caiada (Km 7), Bairro Novo (Km 8), Carmo (Km 10), Varadouro (Km 11), Salgadinho (Km14) -; Recife – Campo Grande (Km 16), Encruzilhada (Km 17), Graças (Km 19), Torre (Km 19), Madalena (Km 22), Avenida Caxangá (Km 22), CDU (Cidade Universitária) (Km 29), Ponto de Retorno (CDU) (Km 36).

Há, ao longo de todo o filme, apenas uma tomada de câmera a partir do ponto de vista embaixo do ônibus no trecho em que este está partindo do Mercado da Encruzilhada. A imagem causa estranhamento por ressaltar um olhar em movimento, pouquíssimo usual, sobre o espaço urbano: detalhe da sombra do ônibus sobre o chão da rua, os meio fios das calçadas, os carros, bicicletas e motocicletas circulando em frente ao ônibus, os pés dos transeuntes atravessando a rua na frente do

ônibus, tudo visto desse ponto de vista particular que, senão outra coisa, ressalta uma estratégia visual que opera a sedução do olhar por meio do incremento da visibilidade da mobilidade urbana intrínseca às grandes cidades modernas.

Nesse caso, o olhar fotográfico constrói uma nova complexidade em torno da relação entre a imagem e o ambiente construído. Há, aqui, deslocamento no que se refere ao espaço, porque a imagem invoca sensações e lógicas de organização do espaço, ainda que aquele espaço, como ele aparece no filme, nunca possa ser praticado sem a mediação da própria imagem fílmica. Isso, como explicaria Mortimer (2017), tende a ativar no espectador o “desejo pela identificação de referências pessoais, sociais e culturais no referente da imagem” (p.127). Assim, esse ponto de vista pode ser entendido como “uma estratégia para provocar os olhos a buscar o que não estiver visível na fotografia”. (p.127).

Figura 4: Imagem do filme



Fonte: Rio Doce/CDU, 2013.

Destaca-se durante o filme a insistência de mostrar a paisagem como reflexo, isto é, as imagens da paisagem urbana são apresentadas a partir de como estas refletem nas janelas do ônibus, literalmente sendo vistas, por nós espectadores, como imagens espelhadas do espaço urbano percorrido e compostas pelo fluxo de pessoas nas ruas, carros, a arquitetura dos bairros, a diversidade de casas e edifícios, o comércio. Isto é, o “exercício voyeurístico” seguido por Pontual nesse filme é construído a partir do “ver o movimento” por meio de sua imagem refletida. Interessante notar também que os sons, ruídos e odores que advêm das ruas por onde se desloca o ônibus, materializam uma realidade urbana que se dá no percurso e na aproximação das imagens espelhadas, das imagens reflexos.

Intercalando imagens em movimento no e do ônibus, com as entrevistas com pessoas que utilizam, ou utilizaram por muito tempo, o transporte público, e mais especificamente a Linha Rio Doce/CDU diariamente, Adelina Pontual constrói um lugar de passagem que agrega valor humano à geografia fílmica que nos é apresentada e, conseqüentemente, associa a noção de pertencimento à mesma. Depoimentos emotivos sobre a experiência de uso da Linha 920 só intensificam a noção de valor humano agregado a uma maneira de ver e viver a cidade (o espaço urbano) de uma forma específica (dentro do ônibus em movimento) e através de uma geografia específica (os lugares de cada cidade no percurso imposto pela trajetória do ônibus) que são então compostas e apresentadas pelo filme. Depoimentos como o que ouvimos de uma moça na Feira do Rio Doce, ainda no KM 2 do percurso, serve como ótimo exemplo:



Fiz a minha graduação inteira lá na Federal e o mestrado também, andando de ônibus. Então eu pegava um ônibus do Janga pra Olinda, e eu ainda pegava aquele Rio Doce/CDU, que todo mundo conhece muito bem, que sempre tá muito lotado, nunca tem lugar para sentar, às vezes nem em pé também, né? Dependendo do horário. E aí foram muitos anos assim, indo e voltando.

Muito significativos são também os depoimentos sobre a experiência do viver e pertencer à cidade (Recife ou Olinda) associados às opiniões sobre o local de moradia que, em última instância, transforma os espaços da cidade em lugar pela experiência de movimento e deslocamento proporcionada pela Linha Rio Doce/CDU. Isto se apresenta muito claramente nas seguintes falas em *off* de moradores de um Conjunto Habitacional em Olinda (trajeto 3º Etapa de Rio Doce/Km 1), e também do Bairro Novo, que demonstram visões e vivências contraditórias sobre o lugar:

Morador 1: Moro há 40 anos; fui uma das primeiras a chegar. Acho um dos melhores bairros para morar.

Morador 2: Fui nascido e criado aqui; não tem para onde ir mesmo.

Morador 3: É feio, mal planejado. Quando chove é um inferno. E também não tem área de lazer nenhuma. Não tem planejamento urbano nenhum. É um buraco e quando chove incha de água. É um lugar também de muita violência.

Morador 4: É tranquilo pra mim. Graças a Deus nunca me fizeram mal. Se acontece alguma coisa, mas não é com a gente, Graças a Deus.

Morador 5: Nasci em Olinda, me criei em Olinda, tive filhos aqui em Olinda e quero morrer aqui em Olinda. Tudo aqui em Olinda, tudo natural de Olinda.

Nota-se que apenas uma das falas descreve negativamente o lugar, mais especificamente o lugar de moradia – o Conjunto Habitacional – de maneira contundente e considerando o Conjunto em um contexto mais amplo que é o do mal planejamento. Variando entre opiniões positivas e negativas sobre a cidade e o lugar, os moradores de Olinda soam conformados com sua condição de pertencimento a esse lugar, parecendo, contudo otimistas quanto ao futuro. Essa afirmação se comprova na resposta de um entrevistado à cineasta que solicita que ele descreva o Bairro Novo em apenas uma palavra, a qual ele retruca: “Desenvolvimento”. Na continuidade, agora em Recife, no bairro de Campo Grande (KM 16 do trajeto), ouvimos o depoimento de um recifense usuário da Linha 920 e morador do Bairro de Campo Grande que ratifica, de forma explícita, sua “adoração” pelo lugar mesmo denotando um certo saudosismo no que se refere à segurança urbana:

Gosto demais; 43 anos num local, é muita coisa. Cheguei menino e hoje tô velho. Ficava aqui até 10 horas da noite com a porta aberta, e não chegava ninguém. Fazia muito que não tinha ladrão, não tinha nada. Hoje quando é 5 horas da tarde que não tem ninguém, eu fecho. Antigamente tinha mais casa, hoje ... tem mais comércio do que carro na avenida mesmo.

O discurso arquitetônico tem, tradicionalmente, representado os edifícios como objetos artísticos ou técnicos. Contudo, edifícios são também, objetos sociais já que são investidos de significado social e determinam e/ou moldam relações sociais e de identidade. O filme traz o espaço do ambiente construído para o centro da discussão social e humana posta na imagem fílmica do espaço urbano de forma a produzir uma diversidade de modos de olhar, entender e interpretar os elementos culturais que envolvem os espaços e ambientes arquitetônicos que são abordados em *Rio Doce/CDU* como elementos relacionados à identidade dos sujeitos. Constata-se isso nos momentos do filme quando ex-



usuários da Linha 920 são entrevistados. No Mercado da Encruzilhada, por exemplo, uma senhora que trabalha no Mercado dá o seguinte depoimento:

O dia a dia da gente é esse mesmo, é quatro e meia aqui, cinco e meia em casa. Quer dizer, a gente vive aqui e vai dormir. Minha mãe é viva e é uma das locatárias mais antigas do Mercado. Eu gosto do Mercado, pra você vê, eu digo assim: eu tô cansada, eu já me aposentei, eu só tenho um filho, mas eu fico com saudade, com pena, você acredita? Porque agora a gente tem até as filhas das freguesas de mãe e agora as filhas delas.... É muito tempo no Mercado, pra você ver uma criança na gestação e vê uma criança grande fazendo compra a você, é uma satisfação, eu acho, sabe? Eu digo, eu e minha mãe, minha vida é o Mercado.

Ainda no Mercado da Encruzilhada, uma outra senhora, casada com um homem que trabalha como sapateiro no local, expressa sua ligação afetiva com o lugar conectando-o com a experiência como usuária da Linha 920:

Sra. do sapateiro: Eu conheci ele aqui, aqui no balcão. Eu vim aqui colocar botão de pressão, a mando de uma madrinha e tia minha. Aí vim, conheci ele, uma primeira vez, depois vim outra vez fazer outro serviço, depois nós namoramos, em 87 nós noivamos e em 88 nós casamos. O tempo que nós temos aqui..., agora, ele já estava aqui há mais tempo; que aqui ele passou do padrinho, para o tio e do tio pra ele. É um tipo assim, eras... E por coincidência, eu sou neta de sapateiro... Ah, o Rio Doce/CDU ah... Quando eu estudei em Olinda, pegava o Rio Doce no Espinheiro onde eu morava, e ia para Olinda que eu estudei na FOCCA. Eu fiz Biologia, então todos os dias eu pegava meu ônibus comum, isso já foi há 22 anos atrás.

Cineasta/Entrevistadora: Qual a lembrança que tem desse tempo do Rio Doce/CDU?

Sra do sapateiro: Muito lotado, ele só anda cheio. Somente no horário de pico. E realmente é um verdadeiro turismo, você sair de uma cidade para outra, conhecendo toda a Agamenon, chegando ao complexo Salgadinho até chegar em Olinda.

Essas falas agregam aos espaços arquitetônicos, como os Mercados da Encruzilhada (Km 17 do percurso) (e também o Mercado da Madalena mais adiante no filme), um significado e uma identidade enquanto lugar na proporção direta das vivências, práticas e interações sociais que acontecem no seu ambiente e na relação desses espaços com a sua posição geográfica na cidade. Esses espaços passam a ter uma significação que advém do dia-a-dia, de vivência, no lugar e para e a partir do percurso, e, principalmente do afeto agregado ao mesmo, consequência da memória constituída pela experiência dos seus usuários associada à mobilidade e ao percurso de chegada e saída deste lugar representado pela Linha 920 em sua etapa do KM 17.

O filme apresenta apenas duas vistas aéreas do trajeto, a saber: a do ônibus entrando na Avenida Caxangá (Km 22) e na Cidade Universitária (Km 29), ponto final da Linha 920. Em algum ponto na Av Caxangá (KM 22), nos é apresentado o seguinte depoimento de uma senhora proprietária de um estabelecimento comercial:

É mais de dez anos, sempre na Caxangá, entre Zumbi e Madalena, Cordeiro, mas sempre na Caxangá. Eu gosto, [...] eu tô (sic) acostumada, porque na Caxangá tudo é perto, tudo é próximo. Qualquer horário, se pegar aqui, dez minutos tá no metrô, vinte tá em Olinda, meia hora tá no Janga. Aqui tem condução para todo o lado. [...] É que eu sou muito moderna. Eu gosto muito do moderninho, só não gosto muito da violência, mas é porque todo moderninho traz violência né? [...] Antigamente, minha mãe punha rede no terraço e



dormia, amanhecia o dia lá, brincando, conversando. Hoje a gente não pode fazer mais isso. Mas eu sou moderna e gosto dessa modernização. Meu nome é Marlene, mas o meu apelido é “Santinha”, Santinha da Caxangá, todo mundo sabe; sou eu mesma, conhecida! Muitos anos, sempre de ônibus, eu não tenho carro também, não tenho carro de passeio, tenho não. Meu carro, meu taxi, minha moto, tudo é o ônibus. [...] Que tem pessoas que chegam a idade mais ou menos que eu tenho e chegam meio aborrecidas, ‘esse ônibus tá demorando, cobrador’, pra mim não, tá tudo bem. [...] E andar de ônibus é muito bom, é melhor do que ter motorista particular, tenho de admitir, o do ônibus não, agente fala, eles dão conselho, tem uns muito educados, tem outros grosso (sic), tem uns alegres tem uns triste, tem uns satisfeito com o salário, tem outros não, e assim vai, que ninguém tá satisfeito total mesmo. O ser humano, ele é muito difícil de se contentar totalmente, geralmente falta muita coisa. Para mim falta muito pouco para eu ser feliz; porque eu sou feliz com qualquer coisa.

O final do filme coincide com o final do trajeto da Linha 920, o Ponto de Retorno (CDU)(KM 36). Nessa última parada do ônibus, Adelina Pontual nos apresenta depoimentos de motoristas e cobradoras do ônibus.

Motorista 1: Eu trabalho como motorista há 13 anos. Já fui caminhoneiro, carreteiro, já trabalhei em corporativa, em várias empresas, gosto muito da minha profissão. O dia a dia é estressante, trânsito, calor e tal, mas aí a gente tem que administrar mesmo, é sobre o nosso trabalho mesmo, e a gente tem que fazer o que tem que fazer mesmo. Eu tô o que? Eu tô lidando com o público, eu tenho que ter paciência com idoso, com deficiente, com trânsito, com pedestre, com qualquer objetivo que teje (sic) pra não levar às vezes pra empresa nem trazer transtorno pra mim. Principalmente, dia de jogo, porque o pessoal de jogo, a senhora sabe né? Problema. Tem aquela galera arrastão, quebra o carro, lá vai e muitas vezes eu tava trabalhando, já arrancaram essa coisa do carro, foram lá pra cima, quebraram a janela do carro, uns vândalos, um brigando com o outro...

Motorista 2: Nesse nosso serviço nós saímos muito cedo, e às vezes chego em casa tarde, aí geralmente gera um estresse por causa disso. Vou fazer 30 anos que trabalho aqui nesse ramo já, eu acho muito gostoso mesmo, pode observar eu já trabalho rindo, ninguém me vê aqui de cara feia.

Motorista 3: O que mais cansa o motorista, na minha opinião, é o trânsito. As vias muito congestionadas, não dá condição d’agente fazer o horário com folga. Gera atraso por causa do engarrafamento que existe aí, principalmente esse percurso que é muito longo e a gente pega muito trecho engarrafado.

Cobradora: Essa linha eu acho a melhor que tem, acho a melhor que tem, gosto muito. Porque aqui é bom em tudo, sabe? Em todos os sentidos, os passageiros, às vezes você dá um troco até a mais, você tá muito, né? Eles devolvem à gente, já em outras linhas não é assim, entendeu? É educado, ajuda, se não tiver as moedas, ‘deixe para lá’. É uma maravilha essa linha, é tudo de bom, pra mim é a melhor que tem. Dizem que é linha de elite, e eu gosto de coisa de elite, gosto de coisa boa, entendesse? Não anda todo o tipo de gente, entendesse? Gosto demais. Aí tu trabalha muito, é a viagem que deixa a gente quebrado né? Tem hora que não entra mais ninguém nem desce mais ninguém, mas é muito longa, Caruaru é mais perto que a CDU.

Por esses depoimentos constatamos um valor agregado à experiência do viver o dia-a-dia na Linha Rio Doce/CDU diferenciado. Nessa parte do filme, somos apresentados à experiência de quem trabalha para a empresa de transporte. Para essas pessoas, a Linha 920 representa o “ganha pão” de todo dia;



faz parte da dinâmica de produção do espaço, e da experiência afetiva que agrega o trabalho à experiência do viver diário, em movimento pela cidade, conhecendo pessoas (usuários) de todos os tipos. Após os depoimentos elencados, vemos o interior do ônibus parado de onde saem os últimos passageiros; está anoitecendo; o ônibus vazio; a cena escurece e os créditos são introduzidos ao som da música “Guia de Olinda” na voz de Eddie (Erasto Vasconcelos).

2.1. Conclusão

No filme *Rio Doce/CDU*, se materializam os entrecruzamentos imagéticos de duas cidades – Olinda e Recife – a partir de um “exercício voyeurístico” que, evidentemente, é construído no sentido de comprovar a necessidade primordial de estabelecer parâmetros de entendimento da relação posta entre as imagens do espaço urbano e a experiência humana de deslocamento nos espaços que conhecemos. A geografia que se materializa por meio desse exercício é, assim, uma geografia constitutiva da realidade, e não separada dela; que a atravessa e por ela é atravessada, estabelecendo vínculos, a partir da representação da experiência espacial produzida, vivenciada, e certamente imaginada, e como construtora da realidade cotidiana. Imagens do espaço urbano, nesse caso, servem como registro e rastro da realidade, confundindo-se com um discurso de construção de novos sentidos e significados –, isto é, filme como construção.

Representando experiências do estar e do viver na cidade, o filme *Rio Doce/CDU* evoca sensações de vivência espacial do lugar equivalentes na realidade objetiva. De maneira efetiva, o filme representa espacialmente, os movimentos e a experiência das coisas e das pessoas no espaço/lugar. Por isso mesmo, nosso conhecimento e entendimento dos lugares apontam para um tipo de cognição através das imagens fílmicas que serve como instrumento para a estruturação de uma geografia fílmica que nos dá uma dimensão mais completa da experiência nos espaços e lugares urbanos. Compreender os filmes como construtores de espaços e lugares implica compreendê-los como construtores de realidade. “Não somente de uma realidade que lhe é específica e autônoma [...], mas da realidade urbana ordinária que compartilhamos na cidade”(p.190), como conclui Mortimer (2017) sobre a arte da fotografia.

3. Agradecimentos

Este trabalho resulta de pesquisa financiada pelo CNPq, por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, a quem agradeço.

4. Referências

- COSTA, M. H. B. e V. da. Filme e Geografia: outras considerações sobre a realidade das imagens e dos lugares geográficos. *Espaço & Cultura*, v. 29, p. 43-54, 2011.
- MORTIMER, J. *Arquiteturas do Olhar*. Belo Horizonte: C/Arte, 2017.
- PASSOS, E.; KASTRUP, L. E. *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
- SUPPIA, A. *Cartografias para a Ficção Científica Mundial: cinema e literatura*. São Paulo: Alameda, 2017.
- SUPPIA, A. Cinema(s) Independente(s): *Cartografias para um Fenômeno Audiovisual Global*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.